
CONTADORES E CONTADORES

Candice Firmino de Azevedo Nogueira¹
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Resumo:

Pensar o contar histórias populares é considerar que esse fazer artístico, mesmo sendo fruto de uma vertente da cultura tida como rústica, faz uso de determinados recursos da dramaturgia e da construção literária capazes de construir um texto complexo e que atende bem às expectativas dos ouvintes. Aqui teremos um breve estudo sobre alguns aspectos que podemos verificar neste fazer artístico, no que diz respeito aos conceitos teóricos que podem ser verificados na construção desse texto oral.

Palavras-chave: Contador de histórias, ouvinte, performance

Abstract:

To think the popular histories to narrate is to consider that this to do artistic, same being fruit of a slope of the culture had as rustic it, makes use certain resources of the dramaturgia and of the literary construction capable to build a complex text and that assists well to the expectations of the listeners. Here we will have an concise study on some aspects that we can verify in this to do artistic, in what it concerns the theoretical concepts that can be verified in the construction of that oral text.

Keywords: Accountant of histories, listener, performance.

Introdução

O ato de contar histórias tem sido, em alguns lugares, um grande aliado em sala de aula como forma de atrair os alunos para a leitura. Para tanto têm surgido grupos de contação. São grupos que trabalham narrativas e as interpretam utilizando-se de recursos próprios da encenação teatral (performance, modulação

¹ O presente trabalho faz parte da pesquisa científica, desenvolvida sob a orientação da Dra Ana Cristina Marinho Lúcio (UFPB), de nome "Quem conta um conto ou Para falar de uma trovinha". Atividade de pesquisa referente ao Programa de Educação Tutorial (PET), do qual a autora é bolsista.

de voz etc.). Paralelamente, encontramos o contador de histórias populares. Este tem, na própria experiência, o alicerce das histórias que conta, utilizando, na maioria das vezes, recursos de interpretação de forma intuitiva, regulados pela experiência em narrar. Partindo de alguns exemplos de contadores, o principal intuito deste artigo é fazer uma discussão teórica a respeito dos recursos utilizados pelos diversos tipos de contadores. Além deste, o objetivo deste estudo é delimitar alguns pontos de semelhança e diferença entre o contador de histórias tradicional, aquele que parte de sua experiência com o mundo para narrar, e aquele que faz-se contador de histórias, mesmo não sendo um representante autêntico da cultura popular. Para tanto, é importante que seja explicitado quem é o contador, como é o seu fazer artístico e o que o motiva a tornar vivas as histórias através da voz.

Os textos apresentados no decorrer deste artigo vêm ilustrar a construção da narrativa oral. O fato de configurar, neste caso, uma ilustração não deve ser encarado como uma negligência na importância dos contadores e de seus textos, pois devemos lembrar que essa análise tem cunho teórico e que um estudo detalhado dos textos propriamente ditos deve ser feita em outro momento, de uma forma mais verticalizada. Partimos da observação, para este estudo, de três contadores de histórias: Seu Generino Batista, conhecido como um contador de histórias da cidade de Serra Branca (PB), Dona Josefa e Seu Antonaldo, moradores da cidade de Campina Grande, que nasceram na zona rural do cariri e do curimataú paraibanos. Estes últimos podem ser considerados contadores ocasionais, pois as histórias são fruto de suas experiências pessoais e são contadas apenas em situações caseiras.

1. Para iniciar a conversa...

O ato de contar histórias sempre foi considerado uma forma de interagir e de dialogar com o outro. Quando falamos em contar histórias, nos vêm à cabeça situações ocorridas na infância, em que a mãe ou o pai abre um livro de contos infantis e lê para a criança que está na cama. Essa atitude, além de estimular o gosto pela narrativa contada, faz com que a criança desenvolva a capacidade de “viajar” no mundo que está sendo

descrito, acompanhada dos personagens, atuando junto ao texto no que diz respeito à construção de um universo cheio de fantasia e impressões pessoais sobre o que é ouvido.

Até então, notamos que o processo (se é que podemos chamar assim esse deslocamento fantasioso pelo qual a criança passa) apresentado acima só é possível a partir de uma relação dialógica estabelecida entre quem conta, o quê conta, como conta e quem ouve as histórias. Quanto maior for a afetividade colocada nesse processo, mais é possível encaminhar a criança para esse mundo construído em conjunto, a partir da narrativa. É preciso que o contador também se identifique com o que está sendo contado e veja em seu ato uma importância, uma função - daí o caráter afetivo que o momento de contar histórias acaba incitando.

Essa situação, pela qual muitos de nós passamos quando crianças, está presente também no mundo adulto... e bem mais constante do que damos conta! Narramos fatos, acontecimentos, histórias fabulosas e maravilhosas em todo momento. Basta lembrar da "lorota" que o avô conta, falando do tempo em que era criança e viu as tranças feitas por Comadre Florzinha² nas crinas dos cavalos (tranças que não eram desmanchadas por ninguém!), também escutamos as histórias contadas pelos pais que, por vezes, têm um caráter moralista, funcionando como um ensinamento de como os filhos devem se comportar (histórias de assombração, principalmente).

O que notamos em todos esses contares são as formas diferenciadas pelas quais o narrar histórias se faz. Muda-se o tom da narrativa de acordo com a intenção do narrador, partes das histórias são enfatizadas quando o contador vê que assim a história torna-se mais interessante, modulações de voz são feitas e gestos acabam por integrar um todo cooperativo capaz de tornar a história viva, através da fala de quem conta. Para

² Comadre Florzinha faz parte do ideário da cultura popular, sendo considerada uma entidade presente nos sítios e plantações. Diz-se que é uma menina de cabelos de fogo que, à noite, bate nos cachorros e em quem mais estiver rondando às escuras. Ela é bastante conhecida pelas tranças que faz nas crinas dos cavalos e pelos assovios que dá no meio da noite.

tanto, geralmente, até para aqueles contadores de fim-de-noite (contadores ocasionais), há um repertório narrativo, com enredos mais ou menos prontos. É a partir desses enredos que o narrador, tendo como base uma adequação à situação comunicativa, constrói narrativas maravilhosas, de medo, de ensinamento.

Importante é salientar quem são essas pessoas que contam, como e por quê.

42

O que antes era uma atividade alicerçada apenas em grupos culturais³, atualmente tem sido incorporada por grupos de contação, que têm como proposta levar a um maior número de pessoas as histórias, muitas vezes recolhidas do ideário popular. O narrar histórias, antes uma atividade cooperativa, assume nesses grupos um feitiço diferenciado: histórias são lidas, trabalhadas sob uma perspectiva teatral e apresentadas em caráter de espetáculo. Ou seja, a relação humana e de identificação cultural do ouvinte com o contador acaba sendo prejudicada, visto que o espetáculo nem sempre é flexível, nem sempre possibilita modificações que, geralmente, só são vistas como necessárias no momento em que a história está sendo narrada.

Não dizemos, com isso, que seja uma proposta desinteressante ou inviável. A idéia de trabalhar numa perspectiva de encenação teatral, levando em consideração aspectos performáticos capazes de enriquecer a construção de sentido do texto, é louvável e tem rendido aos grupos de contação de histórias belíssimos espetáculos, com forte teor dramático ou cômico. A proposta de um trabalho sistemático com o corpo e com a voz, para chegar a uma interpretação cênica do texto, faz com que aqueles que assistem a espetáculos como “Café com Queijo”, do grupo LUME (Campinas - SP), também adentrem no mundo da fantasia. O espetáculo citado faz parte de um projeto com contadores de histórias, do Departamento de Artes da UNICAMP, no qual os contos são recolhidos do ideário popular e trabalhados

³ Comunidades que têm um repertório narrativo e um conhecimento de mundo compartilhado. As histórias são construídas a partir de um ver o mundo de todos, um enxergar a comunidade e a importância de cada indivíduo para a continuação da cultura de base do grupo.

dramaturgicamente. As histórias contadas por homens e mulheres dizem respeito às suas próprias vidas, às experiências pelas quais passaram e que os fizeram ser indivíduos como são. Os causos foram transcritos e trabalhados sob a perspectiva da performance cênica. Montado o espetáculo, pudemos ver a voz do contador primeiro, mas onde ele está? Onde estão o homem e a mulher que contaram aquelas histórias?

Em uma realidade como a de São Paulo e a das grandes cidades do país, é realmente difícil encontrar contadores de histórias populares. Portanto, um projeto como o desenvolvido pelo LUME, possibilita a visibilidade da cultura popular, por mais que seja apresentado através de um trabalho consciente com a voz e com o corpo. No entanto, em realidades como a nossa (Nordeste), há um montante bem maior de representantes da cultura popular, capazes de contar histórias diversas. Muitos destes homens e mulheres são reconhecidos em suas comunidades como contadores de histórias, representantes da cultura do povo. Estes aprenderam com a vida e têm, geralmente, um repertório compartilhado, reconhecido pelo grupo de que fazem parte.

O que vai diferenciar os muitos contadores é, justamente, a forma como contam, a habilidade em prender a atenção do público e usar a voz e o gesto para dar vida ao texto. Ou seja, de alguma forma, os contadores populares usam muitos dos recursos próprios da encenação teatral para montar, também, um espetáculo. No entanto, esse espetáculo é mobilizado e repensado no próprio momento da narração, sendo influenciado pelas ações e reações dos ouvintes. Desse modo, podemos dizer que muitos desses narradores usam estes recursos performáticos de forma intuitiva, sem ter a noção teórica de que a modulação da voz, a gesticulação, o posicionamento do corpo, são utilizados por atores e atrizes nos palcos.

Considerando que a existência desses contadores é uma realidade vista em nossas comunidades, e até bem mais perto do que imaginamos, é interessante que seja proporcionada uma visibilidade maior destes homens e mulheres que contam suas experiências. Muitas destas são comuns a tantos outros homens,

mulheres e crianças... Por que não partir de algo já concreto e, muitas vezes, deixado de lado devido aos nossos preconceitos com o que é do povo?

No projeto “Quem conta um conto ou Para falar de uma trovinha...”, tivemos contato com um contador de histórias da cidade de Serra Branca, no cariri paraibano. Seu Generino Batista, agricultor de 73 anos, durante as entrevistas, narrou causos que estavam em seu repertório, muitos destes conhecidos por um grupo maior de amigos que se encontravam nas tardes para contar histórias.

44

Ô::: vou contar só uma coisinha que é muito curtinha... É::: somente porque eu achei muito bonita, o cabra me dixe isso e eu não decorei nem a metade... aí o que eu decorei, eu digo... tudo é cultura, né?! Dixe assim... Um rapaz chegou no hotel e: pediu café (+) Aí a moça trouxe o café (+) Agora ele falava no F (+) Só no F. Aí ele disse, vocês sabem ler, tão aprendendo, aí disse... Aí tomou o café, quando provou do café achou que tava ruim, aí fez... Aí a moça dixe - Tá ruim? Ele dixe - Fraco e frio. (+) Aí a moça dixe - Como é que o senhor gosta? - Forte, fervendo (+). Olhe, tudo no F. Aí disse... a moça achou bonito, ter quatro F logo de uma vez, aí disse e::: - E o senhor da onde é? Ele disse - Fortaleza. Aí ela disse - O senhor é casado? - Ele disse - Fui. ((risos)) Ela disse - E a mulher? - Faleceu. ((risos)) Aí... ela dixe - Você trabalha em que? - Fogo. Aí disse - Que é fogo? Ele disse - Ferreiro ((risos)). Aí dixe - O que é que o senhor faz? Aí ele danosse a dizer, é porque eu não sei dizer, ele disse -faço foice... Faca, fivela, facão e dixe muita coisa. Aí aquilo foi pagar o café... Aí a moça dixe - Não tem troco. Ele dixe - Fique! ((risos)) E foi embora, e a moça achou tão bonito que quando ele veio assim, ela disse - Seu Zé, diga mais duas! Ele disse - Felicidade, Frô!⁴

Muitas histórias contadas por Seu Generino têm a riqueza

⁴ História contada por Seu Generino Batista, em 22/05/2003, para alunos da 6ª série do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador José Gaudêncio, Serra Branca - PB, cidade em que o contador mora.

dos contos literários consolidados na cultura dita erudita. Todas têm determinada função: ensinar a importância da reza e do conselho, o respeito aos mais velhos, a superação das dificuldades do sertão através da esperteza do mais pobre, etc. São temas comuns em narrativas de todos os tempos, mas aqui tomam uma feição diferente, pois as histórias se passam nas terras nordestinas, os personagens têm sotaque nordestino e fazem referências que dizem respeito a árvores, pedras e lugares conhecidos pelos ouvintes. Daí a importância de promover projetos de contação de histórias nas comunidades do contador.

O gesto e a fala do narrador de causos emprestam a vida que é do homem ao texto, para que este viva e se concretize na imaginação dos ouvintes. É essa a magia do texto oral. O processo de assimilação, de interpretação do que é contado, é individual, faz-se na mente de cada um a partir do conhecimento de mundo e das experiências que se têm. Claro que esta interpretação não é absolutamente livre, mas regulamentada pelo contador, de um modo que o enredo básico das narrativas não tenha sua essência alterada. O texto parte de um contador para o ouvinte. Nesse processo o diálogo estabelecido entre contador, ouvinte e texto faz a narrativa nascer e renascer de formas diferentes, todas contendo a individualidade e a visão de mundo de cada um. O contador popular imprime aos textos a experiência do homem e do artista.

2. Sobre a composição de um Contador de Histórias Populares

“Quando se conta uma história começa-se a abrir espaço para o pensamento mágico. A palavra, com seu poder de evocar imagens, vai instaurando uma ordem mágico-poética, que resulta do gesto sonoro e do gesto corporal, embalados por uma emissão emocional, capaz de levar o ouvinte a uma suspensão temporal. Não é mais o tempo cronológico que interessa e, sim, o tempo afetivo. É ele o elo da comunicação”. (Sisto, 2001: 31)

45

O que observamos nesta pesquisa é que o contar histórias

é uma modalidade expressiva da arte popular sempre vivaz a cada ato ou palavra utilizada por alguém. Tendo em vista isto, não consideramos apenas aqueles contadores já renomados e conhecidos por toda a comunidade local, mas também para aqueles “anônimos” que contam histórias (e estórias!) que surgem, a todo o momento, nas conversas diárias de nossas casas, de nossas salas de aula ou ônibus. Sempre temos algo a falar ou alguém para ouvir, sendo isto um grande promotor da socialização dos indivíduos envolvidos neste processo de dialogicidade a respeito do mundo e das impressões sobre este.

Neste estudo, englobamos na “categoria” de contadores de histórias todos aqueles que exercem essa função de narrador de acontecimentos, verdadeiros ou não. Função esta que foge apenas à apresentação, adquirindo um caráter social responsável pela reunião do grupo⁵.

Desse modo, o contador administra personagens distintos, desencadeando romances, tragédias ou estórias de riso que ultrapassam os limites do real. A fantasia cria no ambiente uma atmosfera mágica capaz de recriar na mente dos ouvintes monstros, cavalos sem cabeça e até cachorros pretos que nascem dos pés e correm trinta metros a desaparecer (Seu Antonaldo, contador). O contador não articula apenas suas lembranças e fantasias, mas mexe com a imaginação do público.

... depois, eu passei lá, assim, de madrugada, e nasceu um cachorro preto da / dos meus pés assim ((demonstração performática com gestos))... correu assim uns:: trinta metros desapareceu. Um cachorro rajado de preto com branco, assim!

⁵ No caso de Seu Generino, o reconhecimento de seu contar enquanto arte que transmite a tradição oral veio a se consolidar com o andamento da pesquisa e a conseqüente ida à instituição de ensino, na cidade de Serra Branca. Até então, o contador era conhecido pelas “histórias sem pé nem cabeça” que, juntamente com outros idosos do lugar, contava. Interessante é que o fato de ter registro formal desse contar, por meio de gravações e de uma pesquisa de cunho científico, ligada à Universidade, era suficiente para assegurar a via de mão-dupla esperada pelo contador: à medida em que Seu Generino fornecia as histórias, ele também se sentia importante e valorizado pelo outro (representado tanto pelo pesquisador quanto pela comunidade).

Sim, para o contador de histórias, enredo e público têm que existir e se adequar. Um e outro se influenciam e ambos são regulados por motivações externas de ordem social e moral. Por exemplo, a expressão “tranco-lhe o cú e coso” (Dona Josefa) é análoga ao adjetivo trancoso (histórias engraçadas e irreais), e, mesmo sendo apenas uma brincadeira com o aspecto fônico da palavra (paronomásia), é severamente suprimida pelos contadores mais moralistas, principalmente se estiverem diante de crianças e mulheres.

Para a construção desse “universo fantástico” dos contos populares, observamos a utilização, feita pelo contador, de recursos visuais, como as expressões faciais e corporais, e de recursos fônicos responsáveis pela modalização da voz e pelas demonstrações de sentimentos. Alfredo Bosi (2000: 78) confere expressividade a esses recursos, utilizados pelo contador, no que diz respeito ao ritmo e à modulação da palavra:

“Mas a fala é ato no tempo, é nome e é predicado. Se ela só imitasse a condição dos objetos mudos no espaço, se ela fizesse abstração da temporalidade subjetiva, estaria condenada à repetição e às suas variantes, privando-se de alguns de seus maiores dons: o andamento e a entoação, fenômenos peculiares à frase, que é relação viva de nome e predicado. Frase: imagem das coisas e movimento do espírito”.

Segundo Silveira (1998:37), “o contador se coloca, em relação à sua platéia, em uma posição de destaque, como se preparasse o ambiente para um espetáculo, o que realmente acontece, pois o contador utiliza sua voz, entonação e gestos para dar vida à personagem”. Este espetáculo é “preparado” de forma intuitiva, principalmente, por aqueles contadores “de casa”, ou seja, homens e mulheres que narram, no dia-a-dia, os acontecimentos de ontem e de hoje sem intenções explícitas de se fazer e se mostrar um contador de histórias.

Recurso muito utilizado neste processo de criação e recriação da realidade é a persuasão. A necessidade de tornar verídicos todos os entes apresentados e as situações contadas

faz com que sejam utilizados o corpo e a voz como sujeitos, transmitindo força, dor, raiva ou emoção ao ouvinte. O recurso denominado de performance cênica, segundo Glusberg (1987), tem como base a originalidade criativa e a busca de envolvimento do público na atividade artística. Desse modo, as improvisações e as ações espontâneas são difusoras dessa arte de persuadir através do gesto.

Seguindo a reflexão de Glusberg, podemos observar que muito da construção narrativa do texto oral só se completa na união de outros recursos que não estão no corpo do texto verbal. Estes são as expressões do corpo e da face, assim como as expressões da fala, o que podemos apresentar como atos perlocursionários, segundo os estudos enunciativos da análise do discurso. Cabe, aqui, as entonações diversificadas que enfatizam e complementam as reações apresentadas pelo narrador durante o conto.

“O intuito de chamar a atenção do público” (Glusberg, 1987:12) é, na realidade, o ponteiro de indicação que motiva o contador de histórias. A aceitabilidade dos ouvintes mobiliza o texto, fazendo com que este tome formas variadas de acordo com o continuar da conversa. Desse modo, o contador de histórias só se configura como tal se houver um público atento ao seu dizer, daí a importância de mobilizar o texto de uma forma a atender as expectativas dos ouvintes, chamando a sua atenção.

É através da performance cênica que o contador mimetiza as ações dos personagens em prol de um jogo cênico atrativo ao ouvinte. É produzida, então, uma atmosfera fantástica em que o lúdico prevalece sustentado pela dilatação do tempo / espaço através do ritmo, entonação, equilíbrio etc.

A construção desse espaço de “contação” torna-se importante para que as lembranças que vêm à tona através da fala do contador, com ensinamentos ou não, modifiquem a realidade, mesmo que temporariamente, do público.

O contador é, desse modo, o centro das atenções, aquele que rege e direciona grande parte da interação. Deve, portanto, estar em um lugar privilegiado e visível, em que gestos não sejam reprimidos pela falta de espaço.

Aprender a simplesmente ouvir é uma contribuição imanente ao contar histórias. Imaginar mundos fantásticos ultrapassa a “simples” denominação de conto. Modificar a realidade com base na fantasia é uma façanha de poucos, mas viver essa mesma realidade mágica é perfeitamente possível, mesmo que em um período de instantes, graças aos contadores de histórias.

Considerações Finais

A partir destas considerações acerca dos contadores performáticos dos grupos de contação e dos contadores populares encontrados nas comunidades é importante colocar que a intenção não é sobrepor uma atividade à outra, mas enfatizar o fato de que temos, em nossa região, contadores que aprenderam com sua própria vida a contar histórias. Por que não reconhecer a sabedoria destes contadores, consolidados como narradores de histórias? Não anulamos a possibilidade de um trabalho de contação, mas enalteceamos possibilidades outras que estão nas comunidades. Possibilidades estas que envolvem, além das próprias histórias, o conhecimento e a experiência de mundo de homens e mulheres que guardam repertórios narrativos que “explicam” a vida de si e do outro.

Referências Bibliográficas

BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. 6ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GLUSBERG, Jorge. A Arte da Performance. São Paulo: Perspectiva, 1987.

LIMA, Francisco Assis. Conto popular e comunidade narrativa. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985.

LUYTEN, Joseph M. O que é Literatura Popular. 5ª edição. São

Paulo: Brasiliense, 1992.

ROUBINE, Jean-Jacques. A Linguagem da Encenação Teatral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SILVEIRA, Maria Claurênia Abreu de Andrade. Contando Histórias na Sala de Aula. 2ª Mostra de Brinquedos Populares da Paraíba, outubro de 2000.

50

SISTO, Celso. Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias. Chapecó: Argos, 2001.